



NATO Trump exige que os europeus gastem mais em Defesa. De preferência, com material de guerra americano. Autópsia de uma Fim de uma aliança de democ

HELDER C. MARTINS
e SUSANA FREXES
Correspondente em Bruxelas

A dor-a", disse Donald Trump sobre Angela Merkel antes de abandonar a reunião da NATO, na quinta-feira, dando dois beijinhos à chanceler alemã. Discutia-se a presença da Aliança Atlântica no Afeganistão, mas o Presidente dos EUA tinha de apanhar o "Air Force One" para Londres. Ao que o Expresso apurou, ao vê-lo levantar-se, Merkel desejou-lhe boa viagem em alemão e, depois, em inglês, quando reparou que ele já não tinha o auricular da tradução simultânea. Ao perceber que era consigo, Trump foi cumprimentá-la, frisando perante os restantes o quanto gostava dela.

A saída contrastou com a entrada na reunião, na quarta-feira, quando Trump acusou a Alemanha de ser "cativeira da Rússia" na energia. Tais paradoxos foram a marca de Trump na cimeira da NATO, fundada em 1949, com os EUA como motor. Com ameaças de virar costas à organização e termos rudes como "maus pagadores", Trump conseguiu pretexto para cantar vitória: compromisso entre todos para aumentar o gasto em Defesa para 2% do PIB e ideia de o fazer crescer para 4%.

Pouco importa que o francês Emmanuel Macron o tenha desmentido nesse ponto ou que a croata Kolinda Grabar-Kitarovic fale de "ambiente aberto e construtivo" num jantar privado na véspera da reunião explosiva. Trump falou para o eleitorado doméstico, que elege novo Congresso em novembro e a quem quis mostrar que vergou os europeus para pôr fim à "injustiça" que, alega, afeta o seu país.

"Estamos no início e não no fim de um processo negociado para aumentar o contributo dos aliados, e Trump quis ganhar posição", explica Tiago Moreira de Sá, professor da Universidade Nova. Diana Soller, da mesma instituição, recorda que o aumento dos gastos com a Defesa estava previsto desde a cimeira de 2014, no País de Gales. O que está em causa é "a forma como os aliados europeus se vão reajustar face a esta tensão". Trump defendeu no Twitter que "têm de pagar 2% do PIB IMEDIATAMENTE e não até 2025".

Moreira de Sá salienta a deterioração das relações entre os EUA, o Canadá e a UE. "Os aliados permanentes, no discurso oficial, parecem ter passado a 'adversários permanentes'." Na opinião do investigador do Instituto Português de Relações Internacionais, "para Trump, é irrelevante um Estado ser ou não democrático. O que interessa é se



é poderoso. E a Rússia e a China são as potências que, a seguir a si, os EUA reconhecem com maior peso mundial". A visão estratégica de Washington terá passado "de uma aliança de democracias para uma aliança apenas de Defesa onde quem não paga não tem os mesmos direitos". Considera, porém, que os EUA continuam a ver a NATO como determinante para evitar a hegemonia de uma potência ou aliança inimiga na Europa e na região Ásia-Pacífico. "Neste mundo a três, Trump considera que a principal ameaça aos EUA é a China. Daí que queira ter a Rússia mais perto, por uma questão de distribuição de poder."

Para Maria Raquel Freire, investigadora da Universidade de Coimbra, a ambiguidade face à Rússia mina a coesão da Aliança. Os países europeus "receiam que o sentimento de urgên-

cia face a Moscovo, sobretudo dos que estão mais próximos da fronteira, não seja partilhado por Trump". Já Diana Soller pensa que este quer "forçar" uma atitude de condescendência para com Moscovo, o que "prenuncia uma profunda mudança geoestratégica que poderá ser prejudicial para a Europa".

"Não estou certa de que Trump tenha uma estratégia para a Rússia", ressalva Freire. "Ou pelo menos não é muito clara." A investigadora do Centro de Estudos Sociais salienta que, para lá da retórica e do entusiasmo que o Presidente norte-americano exprime por Putin (com quem se retine na segunda-feira em Helsínquia; ver texto em baixo), os EUA assinaram o comunicado final da cimeira atlântica, muito crítico com Moscovo na questão da Ossétia do Norte e da Abecásia (repúblicas secessionistas da Geórgia que

o Kremlin reconhece e apoia), e reforçaram a presença militar no Leste da Europa após a anexação da Crimeia pela Rússia, em 2014. Trump afirmou que "não teria permitido" essa apropriação de território alheio, a primeira na Europa desde 1945, mas culpou Barack Obama e elogiou as "pontes e um porto submarino" construídos pelos russos na península capturada à Ucrânia, sem se recusar a reconhecer a anexação. "Será que se vai desdizer em Helsínquia?", interroga-se Freire.

No cerne de tudo, o comércio

Trump mistura instituições e assuntos, desejo de vender equipamento militar aos europeus ("é o melhor do mundo e toda a gente o quer comprar") e de obter melhores condições no comércio bilateral, assunto já fora

do âmbito da NATO. "[Os europeus] não nos tratam bem no comércio. Mas acho que isso vai mudar. Vêm [a Washington] a 25 de julho, para começar a negociar comigo", disse aos jornalistas, referindo-se ao encontro marcado com o presidente da Comissão Europeia, Jean-Claude Juncker.

O que era uma conversa sobre Defesa transformou-se numa questão comercial, com direito a mais uma ameaça. "Se não vierem negociar de boa-fé, faremos algo aos milhões de carros que entram no nosso país e que são taxados a um nível virtual de zero, muito baixo", disse. De novo invoca questões de segurança interna como pretexto para esconder interesses comerciais. Bruxelas diz que, como o aço e o alumínio (também taxados por Trump), os carros europeus não representam qualquer ameaça. Avisa



cimeira

racias



O balão erguido em Londres durante a visita de Trump ilustra a sua atitude na esfera internacional

FOTO PETER NICHOLLS/REUTERS

que, se os EUA aumentarem mesmo as taxas, não só prejudicam a sua própria economia como podem enfrentar nova retaliação, com a UE a aplicar taxas sobre a importação de produtos vindos do outro lado do Atlântico.

A UE esforça-se por dialogar, mas Juncker e a comissária do Comércio, Cecília Malmström, não vão a Washington negociar, ao contrário do que diz Trump, até porque não poderiam fazê-lo sem um mandato claro dos Estados-membros. O que querem é falar de áreas onde poderá haver entendimento e cooperação. Desde que Trump subiu ao poder, as negociações sobre a parceria transatlântica de comércio (TTIP) estão em coma. Segundo fonte da Comissão Europeia, “a estratégia está ainda a ser delineada” e nem a data de 25 de julho está fechada.